

História da Cultura Clássica: uma proposta de reflexão

ANTÓNIO MELO

Universidade Católica Portuguesa - Braga

Faber est quisque suae fortunae, como dizia
Ápio Cláudio Cego. E a *fortuna* das línguas clássicas
é também obra nossa.

VICTOR JABOUILLE¹

Com a assinatura do Tratado de Roma, a 25 de Março de 1957, nasce a Comunidade Económica Europeia ou Mercado Comum, que reuniu seis países: França, Itália, República Federal Alemã (hoje, Alemanha), Bélgica, Holanda e Luxemburgo².

Outros países europeus vão solicitar, entretanto, a sua adesão a esta comunidade: Grã-Bretanha (1973), Grécia (1981), Espanha e Portugal (1986). A 7 de Fevereiro de 1992, pelo Tratado de Maastricht, instituiu-se a União Europeia. Foi na conferência de Roma, em Dezembro de 1990, que estes doze países iniciaram a reflexão que havia de conduzir a este tratado. Com as adesões da Áustria, da Suécia e da Finlândia em 1995, a União Europeia congrega, actualmente, quinze países.

¹ «Um Colóquio sobre o Ensino das Línguas Clássicas ou A obrigação de ser indefinidamente Actual», in *Classica. Boletim de Pedagogia e Cultura*, 18 (1992) 5.

² Recorde-se que estes países já haviam fundado, em Abril de 1951, a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (C.E.C.A.), com objectivos económicos. Preside aos seus destinos Jean Monnet, a quem os vindouros haviam de atribuir o epíteto de «Pai da Europa».

A rotatividade da presidência da União Europeia é, entre outras, uma das suas idiossincrasias político-administrativas. Assim, quando a Finlândia assumiu a presidência da União, no segundo semestre de 1999, esta nação nórdica divulgou a notícia, na Internet, em língua latina: *Finnia prae-sidentiam Unionis Europae seniorum mensium a Germania Kalendis Iulii accepit*.

Naturalmente, há-de ser com alguma surpresa que se vão recebendo estas notícias. E logo surge a pergunta: que motivação anima o espírito dos quadros superiores deste velho continente?

O Homem europeu carrega consigo uma marca distintiva, que o filólogo A. Meillet sabiamente condensou nesta frase: «enriquecido com helenismos e unido ao grego, o latim proporcionou à civilização moderna a base da sua expressão linguística»³. Este pensamento parece ecoar nas palavras do escritor Vasco da Graça Moura: «O Grego e o Latim.... são imprescindíveis para o conhecimento da língua materna, o Português, e para a compreensão tanto da linguagem científica como das estruturas políticas e jurídicas da nossa civilização....».

Com a anexação da Dácia, a actual Roménia, em 106 d. C., sob as ordens do Imperador Trajano, o império romano atinge a sua extensão territorial máxima. O poder de Roma estendia-se, a Ocidente, até à Hispânia⁴, submetida em 133 a. C. por Públio Cipião Emiliano⁵, com a conquista de Numância⁶; Viriato, caudilho lusitano, havia sido assassinado em 140 a. C., traído pelos emissários que enviara a negociar a paz com Servílio Cipião, o

³ A. MEILLET, *Esquisse d'une Histoire de la langue latine*. Paris, éditions Klincksieck, 1966 (*Historia de la lengua latina*. Tradução de F. Sanz, C. Rodríguez e A. María Duarte. Reus - Tarragona, ed. Avesta, 21980, p. 1).

⁴ Em 197 a. C., chegaram à Península Ibérica C. Semprônio Tuditano e M. Hélio que dividiram o território em duas províncias romanas: a Hispânia Ulterior (a ocidente) e Hispânia Citerior (a oriente).

⁵ O grande vencedor da terceira Guerra Púnica (149-146 a. C.), que culminou com a destruição de Cartago. Filho de Paulo Emilio, fica órfão em 160 a. C. e é adoptado por Públio Cornélio Cipião. Não obstante o seu reconhecido mérito na carreira das armas, Públio Cipião Emiliano, dando continuidade às inclinações paternas, vai fundar o Círculo dos Cipiões, que reuniu admiradores da cultura helénica (os romanos Lélío, Lúcio Fúrio, Lucílio e Terêncio; os gregos Políbio, Panécio).

⁶ Com a captura desta importante cidade da *Hispania Citerior*, os romanos põem termo às guerras hispánicas. Contudo, os Romanos nunca ocuparam as regiões montanhosas do norte e do noroeste.

procônsul para a Hispânia Ulterior⁷. Para Norte, as campanhas militares de Júlio César estenderam-se à Germânia (58 a. C.)⁸, a leste do rio Reno, e à Britânia (55 a. C.), refúgio de gauleses descontentes e berço de druidas⁹; só mais tarde havia de suceder a pacificação da Gália, em 52 a. C.¹⁰

No Oriente, em 146 a. C. é submetida a Grécia, tornando-se na província de Acaia¹¹; no norte de África, o Egipto é anexado em 30 a. C.¹² - Cartago e os territórios circundantes haviam constituído a província de África, em 146 a. C... Sob os auspícios do imperador Augusto, a Judeia transforma-se em província romana, no ano 6 d. C... Contudo, a presença romana nesta região da Ásia é anterior: em 64 a. C., a Síria fora ocupada por Pompeio, criando-se uma nova província romana¹³. Na Ásia Menor, o testamento de Átalo III¹⁴, rei de Pérgamo, precipita a criação da província da Ásia, pacificada em 129 a. C., pelo cônsul M. Aquílio. Este domínio também se exercia sobre o Mediterrâneo, que os romanos apelidavam de *mare nostrum*.

Esta súpula, necessariamente breve, mas rigorosa, aponta-nos algumas referências fundamentais na história da expansão romana. Porém, a romani-

⁷ Para mais pormenores sobre a Guerra Lusitana (155-138 a. C.) e as primeiras investidas militares dos romanos no actual território português, ao que parece, por iniciativa de Décio Júnio Bruto, vide CARLOS FABIÃO, «A romanização do actual território português», em *História de Portugal*. Coord. de José Mattoso. I Vol. Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, maxime pp. 203-223.

⁸ Júlio César põe termo à ameaça da tribo germânica dos Suevos, comandados por Ariovisto. Contudo, já antes se havia manifestado este perigo, protagonizado pelas tribos dos teutões e dos cimbrios, vencidas pelas legiões de Mário, em 102 e 101, o seu maior feito militar.

⁹ Classe sacerdotal muito influente entre os gauleses, não só no campo religioso, como na organização político-social. Ocupavam-se da educação e ensinaram a doutrina da metempsicose. A principal fonte de informação é o *De bello gallico* de César.

¹⁰ Estas campanhas militares de Júlio César são narradas pelo próprio general romano no *De Bello Gallico*.

¹¹ A pacificação desta província deve-se às vitórias militares do pretor Cecílio Metelo Macedónico, em Escarfeia, na Lócrida, e do cônsul Lúcio Múmio, que conquistou Corinto nesse ano.

¹² Nesse ano, a capital Alexandria é conquistada por Octávio, que fica senhor do mundo romano. No ano seguinte, o futuro imperador inicia a *Pax Romana*, fechando o templo de Jano; no ano 27 a. C., é-lhe outorgado, pelo senado, o título de *Augustus*.

A capitulação de Marco António começara com a derrota no promontório de Áccio, a 2 de Setembro do ano 31 a. C.

¹³ Para uma visão sumária, mas rigorosa da história de Roma, vide MARCEL BORDET, *Précis d'Histoire Romaine*. Paris, Armand Colin, 1991 (*Síntese de História Romana*. Trad. de Zaida França e Amílcar Guerra. Porto, ed. Asa, 1995).

¹⁴ Morreu no ano 133 a. C.

zação não se fez sentir com a mesma intensidade em todas as regiões do império. Assim, no Oriente, o mundo grego e a civilização helenística apenas toleraram o latim como língua oficial. Ficou proverbial o verso horaciano, perante a influência avassaladora desta civilização na capital do Império: *Graecia capta ferum uictorem cepit et artes / Intulit agresti Latio...*¹⁵ Fortuna semelhante acompanhou a língua latina no norte de África e na Britânia.

A um fenómeno completamente distinto se assiste no Ocidente: o latim, graças sobretudo ao prestígio da cultura, sobrepõe-se aos falares locais dos povos da Hispânia e da Gália, que o adoptam como língua.

No séc. III d. C., que marca o fim do mundo antigo, a instabilidade política e a crise económica vão acentuar as tendências para a desagregação da unidade linguística: com a perda de influência de Roma, assiste-se na România a um desenvolvimento das línguas regionais que comunicam entre si, como nos diz A. Meillet¹⁶. A génese das línguas românicas havia de acontecer a partir dos séculos VII e VIII.

A este processo agonizante do fim da latinidade vai opor-se, entretanto, um movimento que preconiza o retorno aos modelos clássicos. Não obstante a oposição dos primeiros cristãos¹⁷, é no seio da Igreja que se vão manifestar as primeiras tendências deste novo espírito, nomeadamente com Lactâncio, no início do séc. IV d. C. A mesma sensibilidade preside à poesia cristã que dá os primeiros passos neste século com S. Ambrósio e S. Hilário de Poitiers. Ainda neste século, não podemos deixar de mencionar dois distintos cultores da língua latina: S. Jerónimo, o tradutor da Bíblia – a *Vulgata*, e Santo Agostinho que, em 395, é nomeado bispo de Hipona.

E ainda hoje o latim continua a ser a língua oficial da Igreja Católica Romana, a única igreja verdadeiramente universal.

À romanização sucede, deste modo, enquanto factor de unificação, o cristianismo, dado a conhecer à Europa pelos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo. Este último, embora persistam algumas dúvidas, terá mesmo chegado à Espanha. Desde o famoso Edicto de Milão, publicado em 313 d. C., que os

¹⁵ Horácio, *Ep.* II.1.156-157: «A Grécia vencida venceu o seu feroz vencedor / e introduziu as artes no Lácio agreste...».

¹⁶ *Historia de la lengua latina* cit., p. 153.

¹⁷ Nos primeiros séculos, os cristãos afastaram decididamente o exclusivismo e o normativismo do latim culto e literário...: a língua era considerada como um instrumento que devia estar pronto a dar expressão à ideologia cristã (CHRISTINE MOHRMANN, *Études sur le latin des chrétiens*. Vol. I. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1958, p. 96).

cristãos gozam de protecção no império Romano. Isto fica a dever-se essencialmente à acção do imperador Constantino¹⁸.

Em poucas palavras nos transmite o filólogo Veikko Väänänen o percurso histórico da língua latina: «impôs-se aos vencidos, não pela violência, mas pelo prestígio dos vencedores. Antes de tudo, servia de instrumento de comunicação entre os autóctones e os romanos. Além disso, converteu-se no sinal exterior da comunidade romana e, por fim, em veículo da cultura greco-romana, como, mais tarde, do cristianismo»¹⁹.

No fim de contas, até quando – *quousque tandem*, na expressão ciceroniana²⁰ – havemos nós de olvidar, e tantas vezes acintosamente, a nossa ascendência cultural?!... Fica claro que «todos temos vincadamente um cunho de helenismo e ainda mais da Bíblia e da cristandade», como escreve Jean-Baptiste Duroselle²¹. António Rego, em artigo difundido pela *Agência Ecclesia* e publicado no *Diário do Minho*, com o título «Questões de iliteracia», escrevia há pouco que «o religioso é de tal forma constitutivo que, desaparecido da Europa, sepultaria a própria substância do Continente», de que foram pais espirituais S. Bento e os apóstolos dos Eslavos S. Cirilo e S. Metódio, no séc. IX d. C.

A ilustre helenista francesa, Jacqueline de Romilly, numa obra dirigida aos pais, no ano de 1994, com o título *Lettre aux Parents sur les choix scolaires*, salientava o valor formativo dos *studia humanitatis*, numa época de crise em que, «a pretexto de que tudo se renova, não se quer mais nada com o passado (...) um igualitarismo simplista parece condizer melhor com os números e a tecnologia do que com as Letras e a reflexão livre»²².

Contra esta ingratidão, que se acentua «perante organigramas escolares redutores cujo objectivo consiste sobretudo em preparar, como pudins instantâneos, funcionários ágeis, marçanos prestadios, destros empregados,

¹⁸ A derrota do imperador do Oriente, Valério Licínio Liciniano, em 342 d. C., teve um duplo efeito: a unificação do império e o fim das perseguições aos cristãos.

¹⁹ VEIKKO VAÄNÄNEN, *Introduction au latin vulgaire*. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1981 (*Introducción al latín vulgar*. Trad. de Manuel Carrión J. Madrid, ed. Gredos, 1988, p. 37).

²⁰ Apóstrofe que Cícero usa na abertura da primeira *Catilinária*: *Quousque tandem, Catilina, abutere patientia nostra...*

²¹ *História da Europa*. Lisboa: Círculo de Leitores – Publicações D. Quixote, 1990, p. 413.

²² Citado por MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, «Apologia das Línguas Clássicas para o nosso tempo», *Boletim de Estudos Clássicos*, 21 (1994) 68.

profissionais à prova de arresados testes de cruces, tudo mão-de-obra afinada para encaixe pronto»²³, parece erguer-se a clarividência do humanista jesuíta Luís da Cruz, quando enaltece a atitude de José, que se deu a conhecer aos irmãos, em território hostil: «negar os irmãos, a pátria, a raça, os seus, é coisa de bárbaros, que não aprovam os direitos sagrados da natureza». Acrescenta ainda, numa clara exortação à mudança de atitudes: «Coragem, pois, arvora-te em esperança de futura glória. Invejo-te. Na verdade, dás uma lição a que outrora pertenceste e às gentes de todo o orbe que, sob a tua chefia, aprenderão a amar os seus, por pobres que sejam»²⁴.

É neste contexto que lanço o apelo a uma formação integral, tecnicamente competente, mas temperada, quanto baste, pelas humanidades. Na busca desta simbiose se há-de encontrar o Homem Novo, capaz do discernimento.

A pedra angular desta formação humanista há-de ser a História, enquanto *memorialidade*²⁵: «diremos que a história é a consciência da recuperação intencional do passado humano», para citar as palavras do pedagogo jesuíta Manuel Antunes²⁶. Esta necessidade sentiu-a pela primeira vez Heródoto de Halicarnasso (480 a. C. - 425 a. C.), que Cícero apelidou de *pater historiae*: a história nasce «para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem nome as grandes e maravilhosas empresas realizadas quer pelos Helenos, quer pelos Bárbaros...»²⁷. «Pesquisa, investi-

²³ AMADEU TORRES, «O latim e "As Meninas" de Velásquez: dois planos culturais de enfoque», em *Ao reencontro de Clío e de Polímnia. Ensaios histórico-literários e outros estudos*. Braga, Faculdade de Filosofia, 1998, p. 272.

²⁴ ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO, *O P. Luís da Cruz, S. J., e a tragicomédia Iosephus*. Vol. I. Edição policopiada. Braga, Faculdade de Filosofia, 2001, p. 427 (*Iosephus, tragicocomoedia nuncupata*, V.18.4134-4137; 4137-4141).

²⁵ Cf. MANUEL ANTUNES, *Teoria da Cultura*. Coordenação, revisão e notas de Maria Ivone de Ornellas de Andrade. Lisboa: edições Colibri, 1999, p. 22. O pedagogo jesuíta reflecte ainda sobre a história sob um duplo aspecto: «a história como "historicidade" diz respeito ao ser humano, individual e colectivo, como radicalmente vinculado ao tempo mas conservando, nessa vinculação, a possibilidade de emergência acima do puro fluxo do devir natural. A essa possibilidade, realizada, chamamos-lhe história como "facticidade"» (Ibid., pp. 22-23).

²⁶ *Teoria da cultura* cit., p. 23. Esta definição inspira-se em H.-I. MARROU, *Do conhecimento histórico*. Trad. portuguesa. Lisboa, Aster, s/d., p. 28 ss.

²⁷ Prólogo das *Histórias*. Vide HERÓDOTO, *Histórias - Livro 1.º*. Introdução geral de Maria Helena da Rocha Pereira. Introdução ao Livro I, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Lisboa, Ed. 70, 1994, p. 53.

gação, conhecimento», são os sentidos que se atribuem a esta palavra com origem no vocábulo grego *historia*, que aparece no prólogo das *Histórias* de Heródoto.

Desde Tucídides, no séc. V a. C., que à história se impõe a busca da verdade e o tratamento imparcial das fontes. No âmbito da historiografia portuguesa, desde Fernão Lopes que a concepção de história se mantém fiel a estes parâmetros da tradição clássica. Pode certificar-se esta afirmação com o prólogo da crónica de D. João I. A esta luz se deve compreender a definição de história que o cronista apresenta na II parte desta crónica: «a estória há de ser luz da uerdade e testemunha dos antigos tempos»²⁸.

Fernão Lopes manifesta, deste modo, o seu conhecimento dos autores clássicos. Com efeito, Cícero, no *Do Orador*, já havia registado este pensamento: «De facto, a História é testemunha dos séculos, luz da verdade, vida da memória, escola da vida, mensageira do passado...»²⁹.

Evidencia-se, deste modo, o valor paradigmático destes estudos: a análise do passado no presente, tendo em vista a preparação do futuro. A dinâmica narrativa de Fernão Lopes, que nos recorda o historiador grego Tucídides, é elucidativa neste particular, pois «permite transmitir uma lição implícita nos próprios acontecimentos, uma das funções primordiais da história antiga no humanismo renascentista português», como sublinha Nair Castro Soares³⁰.

O orador, assim como o bom escritor, deviam aprender história, como prescreve Cícero que, em *O Orador*, cinzelou esta frase: «ignorar aquilo que ocorreu antes de uma pessoa ter nascido é ser sempre criança»³¹. Há três anos atrás, na Faculdade de Letras de Viseu, da Universidade Católica Portuguesa, Hans-Joachim Glücklich, presidente da Euroclássica e professor da Universidade de Heidelberg, sublinhava a importância de «verificarmos como os pensamentos antigos influenciaram durante tantos séculos a mente humana e a história do espírito humano e como ainda exercem a sua

²⁸ *Crónica del Rei dom João I da boa memória* por Fernão Lopes. Imprensa nacional - Casa da Moeda, Lisboa: 1968, II parte, cap. 37, p. 83, apud NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, «História Antiga no Humanismo renascentista português», in *II Congresso Peninsular de História Antiga - Actas*. Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos e Instituto de Arqueologia, 1994, p. 287.

²⁹ CÍCERO, *De Orat.* II.9.36: *Historia uero testis temporum, lux ueritatis, uita memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis...*

³⁰ «História Antiga no Humanismo renascentista português» cit., p. 287.

³¹ CÍCERO, *Orat.* 34.120: *Nescire autem quid ante quam natus sis acciderit, id est semper esse puerum.*

influência.»³². De modo particular, a herança latina havia mesmo de configurar a paisagem portuguesa, como sublinhou Jorge de Alarcão no I Congresso da APEC: «Se há cidades novas, como Aveiro; se há cidades romanas abandonadas, como *Conimbriga*, ou reduzidas a aldeias como Idanha ou essa *splendissima civitas* que jaz sob as casas da modesta povoação de Bobadela; são muitas as cidades actuais que se tornaram importantes centros na época romana.»³³

Contributo inelutável para esta aldeia global foi o ressurgimento dos Jogos Olímpicos, por empenho do barão francês Pierre de Coubertin, em 1896; o prestígio deste certame, com raízes helénicas, impôs-se no mundo moderno e transformou-se numa realização de vínculo universal. Com o seu regresso à Grécia, em 2004, esperamos que o “espírito grego” renove a imagem do herói olímpico contemporâneo trucidado pelo vedetismo. Este espírito agónico dos gregos havia mesmo de influenciar textos bíblicos contemporâneos: S. Paulo, numa carta dirigida à comunidade cristã de Corinto, exorta-os à fidelidade em Cristo, com o recurso à metáfora desportiva: «Não sabeis vós que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi pois, deste modo, para que o consigais alcançar. Aquele que se prepara para a luta abstém-se de tudo, a fim de alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, para alcançar uma coroa incorruptível.»³⁴

A esta retórica paulina não é estranho o tratado de S. Basílio, dirigido aos jovens no séc. IV d. C., sobre a maneira de tirar proveito das obras literárias dos clássicos gregos. Emergia um postulado pedagógico importante, que mantém a sua actualidade: qual a atitude cristã ante o fenómeno avassalador do paganismo?

Vem a propósito reflectir sobre uma passagem de «*O sonho de Cipião*», o célebre texto a concluir o Livro VI de *A República*, de Cícero. Depois de uma exortação à defesa da *res publica*, a mais nobre das virtudes, Cipião Emiliano ouve o seu avô, Cipião-o-Africano Maior, a definir a imortalidade da alma: «Exercita o teu espírito nas melhores acções! As melhores tarefas são as que

³² «O espírito olímpico e a importância de aprender latim no novo milénio», in FRANCISCO DE OLIVEIRA (Coord.), *O espírito olímpico no novo milénio*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2000, p. 9.

³³ «Sobre as raízes históricas da paisagem portuguesa», in *O espírito olímpico...* cit., p. 31.

³⁴ I Cor. 9.24-26: *Bíblia Sagrada*. Versão dos textos originais. Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 1978. Vide PAULA BARATA DIAS, «O sucesso da metáfora desportiva na literatura cristã», in *O espírito olímpico...* cit., pp. 165-182.

se empreendem em defesa da nossa pátria. Um espírito ocupado e exercitado nestas actividades voará mais veloz para esta mansão, que é a sua morada....»³⁵. Este *topos* clássico foi retomado na Oração de Sapiência de Hilário de Moreira, proferida na Universidade de Coimbra, a 1 de Outubro de 1552³⁶.

Perfila-se, deste modo, um caminho de aprendizagem, quicá de sabedoria, que se define como «o diálogo entre o ontem e o hoje, entre o presente e o futuro, entre o momento e a eternidade»³⁷, na busca constante de uma melhor compreensão de quem nós somos.

A Antiguidade Clássica é o universo privilegiado da História, para o humanista: da Grécia e Roma hão-de interessar-lhe «os feitos ilustres dos homens do passado, as suas instituições, o seu direito, os seus valores, a sua língua....»³⁸. A perene dimensão do humano veiculada pela literatura, pela arte, pela filosofia, pela política, pela ciência e pela religião. São estas realizações que nos transportam até ao conceito de Cultura.

A palavra latina *Cultura* tem a mesma raiz de *cultus*, do verbo *colere*, e pode referir quer a realidade material (*colere agros*) quer a espiritual, no sentido de educação (*colere uirtutem, colere artes...*). De Cícero são as expressões *cultus animi*³⁹ e *cultura animi philosophia est*⁴⁰. Por isso, Manuel Antunes, S. J., definiu cultura como a «acção que o homem realiza quer sobre o seu meio quer sobre si mesmo, visando uma transformação para melhor»⁴¹.

História da Cultura Clássica: chegamos, assim, ao último termo do nosso título, o adjectivo *clássico*, com origem latina em *classicus*, que deriva de *classis*, “classe”, no sentido militar – o conjunto das forças armadas; mais

³⁵ CÍCERO, *Rep.*: *Hanc tu exerce optimis in rebus! Sunt autem optima curae de salute patriae, quibus agitata et exercitatus animus uelocius in hanc sedem et domum suam peruolabit.*

³⁶ ALBINO MATOS DE ALMEIDA, *A oração de sapiência de Hilário de Almeida*. Coimbra, INIC – CECH, 21990.

³⁷ RÚBEN DE FREITAS CABRAL, «Mundo actual e pluralismo. Desafios lançados à escola e aos professores» (I), *Brotéria*, 144 (1997 – 2) 135.

³⁸ NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, «A História Antiga no Humanismo renascentista português» cit., p. 280.

³⁹ CÍCERO, *Fin.* 5.19.54.

⁴⁰ CÍCERO, *Tusc.* 2.13.

⁴¹ *Teoria da cultura* cit., p. 39. Vide ANTÓNIO FREIRE, *Humanismo Clássico. Estudos de cultura e literatura greco-latinas*. Braga: edições APPACDM distrital, 21996.

tarde, quando *exercitus* se especializou, designando um corpo de tropas terrestre, *classis* passou a significar "frota marítima", "armada" (*classarius*). Em sentido figurado, "clássico" designa "autor perfeito", um modelo que se impõe como paradigma: Aulo Gélío (séc. II d. C.) usa a expressão *classicus scriptor*⁴².

Para os humanistas do Renascimento, realizavam exemplarmente este sentido ideal os escritores da Grécia e de Roma⁴³.

⁴² AULO GÉLIO, XIX.8.15.

⁴³ Neste sentido, a História da Cultura Clássica abarca o período da história antiga que vai desde o universo dos Poemas Homéricos até à queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d. C. ou até ao encerramento da Academia Platónica de Atenas pelo imperador romano Justiniano, em 529 d. C.